

Grace Passô tem criações no teatro e cinema, além de criar em parceria com artista. Foi inúmeras vezes premiada como atriz, dramaturga e diretora e seu trabalho tem circulado em eventos de linguagens diversas. Atualmente, desenvolve um longa metragem a partir de seu primeiro texto teatral, além de circular com Vaga Carne, texto de sua autoria que deu origem a uma peça teatral e também a um filme. No período que iniciou formalmente a quarentena no Brasil e a convite do Instituto Moreira Sales, filmou o curta metragem REPUBLICA, ganhador de uma série de prêmios no circuito de cinema, o mais recente de melhor filme no Festival Internacional de Curtas de SP/Kinoforum. Atualmente tem uma instalação na Bienal, trabalho que inaugura o Projeto Ficções Sônicas.

Aline Vila Real atua em gestão cultural, curadoria e produção artística. Formada em Comunicação Social com especialização em Imagens e Culturas Midiáticas pela UFMG. Integrou, por dez anos, o grupo teatral Espanca!, como coordenadora de produção e diretora do espetáculo PassAarão (2017). A companhia criou 8 peças de teatro, se apresentando em todas as regiões do país, além de Alemanha, Chile, Colômbia e Uruguai. Coordenou também o Teatro Espanca!, que recebe apresentações de espetáculos e eventos de arte contemporânea no hipercentro de Belo Horizonte e sedia projetos como a Segunda Preta. Em 2017 foi idealizadora e curadora da Polifônica Negra - uma mostra de processos criativos e debates acerca da Arte Negra, em parceria com Anderson Feliciano e produtora do espetáculo ERAS do Coletivo Negras Autoras, dirigido por Grace Passô. Em novembro de 2019, integrou a curadoria da décima edição do FAN-BH, festival internacional de arte negra que acontece há 24 anos em Belo Horizonte. Em 2020 participou da curadoria do I Festival de Teatro Negro On-line da UFMG e do Encuentro Virtual Mujeres Afro en Escena - América Latina y Caribe. Atualmente está diretora de Promoção das Artes na Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte, realizando a gestão do Circuito Municipal de Cultura e dos Teatros Municipais.

Lucas Andrade é artista multimídia. Sua trajetória se inicia no teatro, com formação em Atuação pelo Estúdio de Treinamento Artístico (ETA) e por seguinte a Companhia Naturalis, dirigida por Poliana Pitteri, onde participou de sua primeira peça, O Pacto (2011), realizada no teatro Heleny Guariba. Em 2013, é convidado por Marcelo Drummond e José Celso Martinez para integrar o Teatro Oficina Uzya Uzona, onde atuou em 111 peças diferentes (algumas como protagonista), foi corifeu do corpo do coro da Companhia (preparador corporal) e, participou da equipe de figurino da remontagem de O Rei Da Vela, de Oswald de Andrade, peça emblemática que teve o figurino desenhado por Hélio Eichbauer. Em 2015, participa da performance After Hudinilson Jr., de Rafa RG, onde os artistas reencenam a série de trabalhos intitulados 'Exercício de Me Ver II' (1982) de Hudinilson Jr. A partir de 2017, passa a atuar com importantes nomes do cinema brasileiro: Marcelo Caetano (Corpo Elétrico), Sérgio Silva e João Marcos de Almeida (Estamos Todos na Sarjeta, Mas Alguns de Nós Ainda Olham as Estrelas), Ana Flavia Cavalcanti e Julia Zakia (Rã), Fernando Nogari (Ladytron - The Animals), Jean-Claude Bernardet e Rubens Rewald (#eagoraoque), Julia Murat (Regra 34). Com esses filmes, participa dos festivais de Guadalajara, Rotterdam e Festival de Cinema latino-Americano de São Paulo. O longa Corpo Elétrico recebe o Prêmio APCA e notória crítica da Variety sobre seu personagem. Em 2018, participa da fundação do coletivo AEANFDC - Ambiente de Empretecimento da Arte Nacional a Favor da Descolonização Cultural, a partir da performance ATO1, em que junto a outros dezenove artistas negros, invade a Feira Plana daquele ano, na Cinemateca Brasileira. É diretor na performance Enegrícidio, realizada com o coletivo na SP-Arte 2018.

Nesse mesmo ano, co-roteiriza o curta BLUESMAN, vencedor do Grand Prix em Cannes, na categoria entretenimento para música. Ainda em 2018, atua como performer na ação Passo / Espaço / Passo, da coreógrafa Nina Botkay pelo projeto FORA, de Germano Dushá. Em 2020, é diretor assistente do longa Meu Outro Nome é Luiza, ao lado de Ana Hartmann. Também com a artista, desenvolve o Atemporal Studio Atoral (ASA), laboratório voltado para a formação de atores sob a linha de Stanislavski e Straberg. Ainda no ano passado, filma Regra 34 de Júlia Murat e Drama Queen de Gabriela Luíza. Atualmente é diretor artístico da HOA Galeria.

Novissimo Edgar é um artista multimídia, originalmente brasileiro, existe como uma força criadora de conteúdo imaterial e material.

Em 2018 assinou direção de arte no projeto colaborativo entre a Marca Puma e o Músico Hermeto Pascoal.

No mesmo ano do lançamento de seu disco Ultrassom, foi indicado a artista revelação pelas premiações: Prêmio Multishow e APCA - Associação Paulista de Críticos de Arte.

E Ganhou o prêmio de novo talento pela SIM SP, e o de Melhor disco de RAP pelo Troféu Cata-Vento 2018 pela Rádio Cultural Brasil, e foi o único artista brasileiro a se apresentar no Festival MaMA 2018 em Paris.

Em 2019 Ministrou oficinas de corte e costura e criação de figurinos na Red Bull station e Sesc Guarulhos, apresentou duas performances de moda no evento Casa de Criadores, que resultou em um dos desfiles mais políticos do ano, colocando egressos do sistema carcerário para fazerem parte do corpo de modelos. No mesmo ano recebeu o prêmio Zumbi dos Palmares - ALESP, pela luta anti racista.

No ano seguinte, participou da publicação coletiva de arquitetos e urbanistas da UFSC com um artigo sobre acupuntura terrestre, foi convidado pelo Instituto Moreira Salles para entregar um curta metragem produzido durante o período de quarentena no Brasil, e também à convite da SPFW, produziu um fashion film durante o mês da consciência negra.

Em 2021, lançou mais um disco de música chamado Ultraleve, onde o artista criou instrumentos a partir de materiais recicláveis, misturando captadores com lembranças físicas, assim criando o timbre do novo som. Em março do mesmo ano, participou da exposição coletiva EN OTRO PODER de artistas latinos ocupando uma galeria em Saint-denis (França), com as obras audiovisuais - NOVÍSSIMO EDGAR (2017), e BARALHO DE RAGDE (2020).

Já em abril formou dupla com Jannat Ali (dançarina e ativista pelos direitos trans no paquistão), na residência artística Dreaming The Cities, que conecta artistas de São Paulo com Lahore.

Atualmente foi publicado seu primeiro livro de ficção especulativa chamado Ragde, pela garupa editora, e alguns roteiros para cinema seguem em produção.

Marly Montoni estreou no Teatro Municipal de São Paulo em 2017 como Leonora em Fidelio de Beethoven. Voltou ao TMSP para interpretar Abigaille em Nabucco, de G. Verdi, Liú em Turandot, de Puccini, como solista na obra El Niño de John Adams e para a estreia paulistana do Requiem de Andrew Lloyd Weber e Meia Lágrima, de Elodie Bouny.

Foi protagonista em Porgy and Bess de G. Gershwin no Palácio da Artes de Belo Horizonte e integrou o Elenco Estável do Theatro São Pedro, onde cantou os papéis de Odaleia em Condor de C. Gomes, Wally em La Wally de A. Catalani, Rainha Elisabetta em Roberto

Devereux, de G. Donizetti e a segunda Serva de Der Zwerg, de Zemlinsk. Performances anteriores no Theatro São Pedro incluem a estreia mundial de O Espelho de Jorge Antunes, como Eufrásia, Fosca (C. Gomes) e Bodas no Monastério (Prokofiev). Também participou da “Série Concertos Internacionais” ao lado do baixo italiano Roberto Scandiuzzi em trechos de Don Carlo de G. Verdi. Cantou também com a Orquestra Sinfônica de Campinas e em 2014 interpretou Violet da ópera Blue Monday de G. Gershwin no Festival de Ópera do Teatro da Paz em Belém. Tem trabalhado sob direção musical de Roberto Minczuk, Silvio Viegas, Luiz Fernando Malheiro, André dos Santos, Ligia Amadio, Pedro Messias, e sob direção cênica de Caetano Vilela, William Pereira, Cleber Papa, Mauro Wrona. Marly é Bacharel em canto pela Universidade Cruzeiro do Sul, aperfeiçoou-se com Antonio Lotti e atualmente prepara seu repertório com Rafael Andrade.

Silvia Kamyla, paraense residente em Minas Gerais, atua na cena da Dança há mais de 10 anos. Experimentando e ousando em modalidades acadêmicas e Urbanas, formou-se pela Técnico UFPA e cursou licenciatura em Dança. É atuante como bailarina - intérprete - criadora em espetáculos, batalhas e em aulas regulares. É premiada em batalhas de Hip Hop e All Styles estaduais, nacionais e internacionais como Fair Play Dance Camp (Polônia) Hip Hop District (SP) e Rio H2K (RJ). Recentemente foi premiada Melhor Bailarina pelo prêmio Sinparc de Artes Cênicas de MG.

Barulhista é um artista premiado pelo trabalho na produção de trilhas sonoras originais para cinema, teatro, dança e publicidade. Indicado pelo baterista Martin Atkins como um dos mais interessantes músicos brasileiros contemporâneos.

Vencedor de prêmios de melhor trilha sonora com os curta metragens “Ainda não” (Direção de Julia Leite) em 2015, “Criatura” (Nivaldo Vasconcelos) em 2013 e os espetáculos teatrais “Talvez eu me despeça” (Cia Afeta) em 2014 e “180 dias de inverno” (Cia Afeta) em 2011.

Criou trilha sonora para diversos grupos teatrais como Grupo Galpão, Quatro los Cinco, Pigmalhão Escultura que Mexe, Coletivo Binário, Sua Companhia, Cia Cinco Cabeças, Primeira Campanha, dentre outros.

Mantém parcerias com diversos artistas, entre eles: Grace Passô, Michelle Barreto, Odilon Esteves, J. P. Cuenca, Natasha Felix, Sérgio Pererê e Yara de Novaes.

Wilssa Esser, formada em direção de fotografia em 2013 pela EICTV - Escola Internacional de Cinema e Televisão de Cuba- é integrante e co-fundadora do coletivo de Mulheres e Pessoas transgênero do departamento de fotografia do Brasil, DAFB. Em 2010 fez parte da Cinematography Residency do Maine Media College (USA) e realizou estudos de fotografia documental analógica no Taller Roberto Mata em Caracas, Venezuela lugar de nascimento (2009).

Desde 2014 reside no Brasil onde trabalha como diretora de fotografia de longas, curtas e séries. Participou do talent campus Berlinale 2019 e Talent Campus Buenos Aires 2016. Em 2018 recebeu o prêmio de Melhor Fotografia de Longa-metragem no Festival de Brasília 2018 pelo filme Temporada, dirigido pelo André Novais, também ganhador do prêmio "Melhor filme da mostra competitiva".

Entre suas últimas produções se encontram a série Hit Parade (Canal Brasil), o longa-metragem Mascarados (Melhor Realización Técnica Festival Mar del Plata 2020); os curtas, República (Melhor Curta-metragem Festival de Brasília 2020), Quebramar (Prêmio Melhor Imagem XII Janela Internacional de Cinema do Recife 2019, Melhor filme

documentário Festival de Curtametragens Festival Clermont-Ferrand 2019) e Menarca
(Seleção oficial na Semana da Critica Cannes 2020)